

Perfil Epidemiológico Das Malformações Congênitas Cardiovasculares Em Recém Nascidos Na Região Sul De 2017 a 2022

Isadora Medeiros de Almeida¹, Lucas Mariano Pinheiro¹, Maria Fernanda Gonçalves Meirelles Fernandes¹, Carolina Marsiglia Lucini¹, Eduarda Ortiz Avila de Araujo¹, Natália Camila Smidt¹, Virginia Tafas da Nóbrega²

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

² Hospital São Lucas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Introdução:

O presente estudo busca investigar a incidência e a distribuição das malformações congênitas cardiovasculares na região Sul do Brasil. Esta análise é de suma importância para orientar a alocação de recursos e o desenvolvimento de estratégias de manejo e tratamento, com vistas a melhorar os resultados de saúde pública para os recém-nascidos afetados por tais condições.

Objetivos:

Avaliar a tendência temporal da incidência de anomalias congênitas cardiovasculares na região Sul do Brasil entre 2017 e 2022.

Métodos:

Realizou-se um estudo descritivo, retrospectivo e quantitativo com base nos dados secundários fornecidos pelo Sistema de Informação sobre Nascidos Vivos (SINASC) entre 2017 e 2022. Neste estudo, os dados referem-se a nascidos vivos que apresentaram anomalias congênitas cardiovasculares conforme ao CID 10 (Q21) e CID 10 (Q24-27).

Resultados: Todos os Dados

Na região Sul do Brasil, foram notificados 2643 casos nesse período. O ano de maior número de notificações foi 2022, com 528 registros de nascidos vivos com esse tipo de malformação congênita. Nesse sentido, o estado que mais notificou nascidos vivos com Malformações Congênitas Cardiovasculares foi o Rio Grande do Sul (45,06%), seguido pelo Paraná (31,02%) e Santa Catarina (23,91%). Quanto à distribuição entre os raça/cor: 80,5% brancos, 13,7% pardos, 4,9% pretos, 0,9% amarelos, indígenas e nulos. Dentre 5 as malformações congênitas cardiovasculares mais notificadas entre recém nascidos na região sul foram: outras malformações congênitas do coração (39,9%), malformações congênitas dos septos cardíacos (17,5%), outras malformações congênitas do sistema vascular periférico (12,8%), malformações congênitas das câmaras e das comunicações cardíacas (9,3%) e malformações congênitas das grandes artérias (8,5%). Nesse sentido, o peso dos nascidos vivos com maior prevalência foi 2500g ou mais (67,85%), seguido por 1500 a 2499g (24,04%) e menores de 1500g (8,11%). No período analisado, verificou-se 1262 óbitos por malformações congênitas cardiovasculares, com maior predominância no estado do Rio Grande do Sul (41,83%).

Conclusão:

A partir dos resultados apresentados, destaca-se a predominância do Rio Grande do Sul no número de óbitos por malformações congênitas. Além disso, os resultados destacam a necessidade urgente de direcionar recursos e estratégias de manejo e tratamento para enfrentar esse desafio de saúde pública, especialmente considerando o peso dos RN, o número significativo de óbitos registrados e os tipos de malformações congênitas cardiovasculares.

Referências: